

LEITURA DO MAGNIFICAT DE LUTERO: APRECIÇÕES COM BASE NA HERMENÊUTICA FEMINISTA PARA VER/LER MARIA HOJE

Profa. Dra. Edla Eggert*

Início essa pequena reflexão para esse encontro mariano, com uma afirmação de uma pensadora inglesa e protestante do século XVIII, Mary Wollstonecraft que disse, no ano de 1792, num livro de sua autoria intitulado: *Reivindicações dos direitos das mulheres*: “Não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas”.¹ Ou seja, apresento algumas ideias surgidas a partir do convite que me foi feito para esse Seminário de Mariologia, sempre no espírito ecumênico de encontro e compreensão. Compreensão de que mulheres são imagem e semelhança de Deus e, para tanto, não são nem mais, nem menos que os homens e sim, cada vez mais responsáveis por si mesmas. Uma aprendizagem nada fácil a partir das tradições que até muito pouco tempo inferiorizaram e despotencializaram a criatividade e liberdade de ser, ser humanos! E por isso, inspirada em Mary Wollstonecraft, buscarei realizar uma reflexão que toma dois pontos nessa reflexão: a) O Contexto da escrita do Magnificat de Lutero e a pauta pedagógica nessa leitura; b) A interpretação da interpretação: luteranas de braços dados com Maria!

1 O contexto da escrita do *Magnificat* de Lutero e a pauta pedagógica nessa leitura

Em 31 de outubro de 1517, Lutero publicou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Afirmou nelas a justificação por graça e fé, e não por obras, nem indulgências. Provocou debates e adesões de muitas pessoas, e também provocou revolta e oposição por parte da cúpula da Igreja. Segundo Vitor Westhelle (2016) a intenção de Lutero com as 95 teses era única e exclusivamente o debate acadêmico, coisa comum já naquela época. Podemos dizer que a colocação das teses era como se fosse uma disputa, um debate acalorado entre diferentes visões de mundo. E a disputa em questão, eram as indulgências. Para Lutero não havia motivo para a compra da salvação pois ele argumentava que a salvação (graça) era de graça! Não estava no seu horizonte, uma ruptura com a Igreja Cristã da época, e sim um debate que pudesse restaurar algumas questões que, para ele, estavam fora de lugar. Interessante observar que de 1517 até 1520 teremos idas e vindas sobre uma série de reações, ataques e defesas naquilo que se pode distinguir sobre o que definirá o curso da história dos acontecimentos.

* Possui Pós-Doutorado (CNPq) no *Programa de Estudios de la Mujer da Univesidad Autónoma Metropolitana de Xochimilco*, México, e Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo (1998). Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da PUCRS. Contato: edla.eggert@puers.br

¹ WOLLSTONECRAFT, M. *Reivindicação dos direitos das mulheres*, p. 89.

O auge desses acontecimentos foi em 15 de junho de 1520, quando Lutero foi acusado de heresia por meio da bula *Exsurge Domine*, e recebeu um prazo para retratar-se. Ao invés disso, ele queimou a bula e livros de direito canônico na presença de estudantes da Universidade de Wittenberg.

A reação final desse ato rebelde do monge agostiniano, veio firme no dia 02 de janeiro de 1521. Lutero foi excomungado por meio da bula *Decet Romanum Pontificem*. No mesmo ano, o imperador Carlos V convocou Lutero para a Dieta (assembleia) de Worms, com a intenção de resolver o “caso Lutero”, garantindo-lhe salvo-conduto para a viagem até Worms. Na Dieta, Lutero não negou seus escritos e nem revogou suas convicções. No retorno de Worms, Lutero foi –“sequestrado” por amigos e levado para Wartburgo, onde assumiu o disfarce de cavaleiro Jorge e viveu em um pequeno espaço. Foi neste lugar que Lutero terminou de escrever o comentário do *Magnificat*.²

Em momento de aflição, exílio e solidão, Lutero medita, reza e escreve:

Não lembro nada das Escrituras que sirva melhor para este caso do que o cântico sagrado da bendita mãe de Deus. Sem dúvida, todos os que quiserem governar bem e ser boas autoridades devem APRENDER bem e guardar na memória aquele cântico.³

É possível afirmar que, ao longo de toda interpretação de Lutero, há tentativas de buscar relacionar o cântico com outras partes da bíblia – antigo e novo testamento, com exemplos da vida cotidiana, como num gesto para fazer entender o quanto um texto oferece material para admoestar e, finalmente, compreender um ensinamento. E, nesse caso, o ensinamento é aceitar a graça e a bondade divina.

Nas palavras de Lutero:

É uma característica de Deus olhar para as coisas insignificantes. Por isso traduzi a palavra humildade por “nulidade” ou “ser insignificante”. Portanto, Maria quer dizer o seguinte: Deus olhou para mim, uma moça pobre, desprezada e insignificante. Ele poderia ter escolhido ricas, importantes, nobres e poderosas rainhas, filhas de príncipes e grandes autoridades. Poderia ter escolhido a filha de Anás ou Caifás, que teriam sido os maiores do país. Porém ele olhou para mim por pura bondade e usou para esse fim uma moça humilde e desprezada. Diante dele ninguém deveria vangloriar-se de ter sido digno disso.⁴

E Lutero analisa a sua própria situação em pleno isolamento e vida em turbulência tendo por inspiração a oração de Maria, dizendo: “[...] Também eu tenho que confessar que se trata de pura graça e bondade. Não há merecimento ou dignidade da minha parte.”⁵ A exegese produzida por Lutero tem um endereço certo, ou seja, ele escreve para seu protetor, o Príncipe João Frederico. E a forma como Lutero desenvolve seu argumento eu a chamo de admoestação pedagógica para sensibilizar para uma postura frente à responsabilidade que era a de ter poder, porque tinha o governo. Para Lutero, quem tem poder tem de ter o dobro de humildade, porque justamente quando está à frente de um povo, está a serviço dele. E o exemplo de Maria era a melhor ilustração dessa obediência ao trabalho, à missão de servir. “Os verdadeiros humildes não

² BLASI, Márcia. *Por uma vida sem vergonha, vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres, a partir da Teologia Feminista*; DREHER, 2016.

³ LUTERO, M. *Magnificat*, p. 21.

⁴ *Ibid.*, p. 30

⁵ *Ibid.*

pensam no resultado da humildade. Eles olham as coisas insignificantes de coração puro, gostam de lidar com elas e nunca ficam sabendo se são humildes”.⁶

Para Lutero,⁷ Maria ensinava duas lições. A primeira seria a de que cada pessoa deve preocupar-se com as coisas que Deus faz com ela, mais do que com todas as obras que Deus realiza com as outras pessoas. E a segunda era a de que cada um ou cada uma deve ser o primeiro ou a primeira no louvor de Deus e deveria divulgar as obras de Deus realizadas nele ou nela. Ou seja, homens e mulheres deveriam ficar atentas a si mesmas para o que Deus tem a dizer e sempre por meio do louvor propagar a boa nova.

Parece-me que há uma pedagogia produzida nessa forma de ver o exemplo de Maria. Havia em Lutero a intenção de direcionar o olhar para as coisas da vida. E, nesse caso, de uma vidinha muito simples, de uma mulher marginalizada. Lutero ao longo de todo o Magnificat faz, por meio de inúmeras relações, histórias e estórias, um detalhado exercício exegético, reconhecer em Maria a contemplação como primeira obra de Deus realizada nela. “Quando Deus volta seu rosto para alguém, aí reinam a pura graça e a bem aventurança”.⁸

O louvor de fato ocupa, ou pelo menos ocupava, as pessoas luteranas de modo muito intenso. A música foi uma identidade na tradição luterana do mesmo modo como a força do uso da pregação da palavra. Lutero, em 1528, compôs o hino intitulado *Castelo Forte*, que, posteriormente, se entende e se acata, quase que por unanimidade, como sendo o hino da Reforma. Essa canção revela a força pedagógica do louvor como eixo na disseminação da boa nova.

2 A interpretação da interpretação: luteranas de braços dados com Maria!

A Professora de Teologia Sistemática da Escola Luterana de Chicago, Lois Malcolm analisa que:

O Magnificat não conta um conto de Deus encontrando uma pessoa pecadora orgulhosa. Em vez disso, conta um conto de Deus encontrando uma mulher que a sociedade tinha visto como insignificante e dando-lhe um novo status (como um exemplo de fé ao lado de Abraão, Jó e Ester), bem como um novo sentido de atuação no reinado de Deus.⁹

Ivon Reimer analisa que Lutero “desenvolve a categoria da experiência como fundamental no processo interpretativo”.¹⁰ E é uma experiência de opressão e libertação, que transforma profundamente. Experiências que marcam a história de modo muito singular cada um que pode contar de si. Foi desse modo que a história de Maria é revelada no cântico, pois “fala de experiência própria’ e ‘com o exemplo da sua experiência e em palavras’ nos *ensina* como conhecer e louvar Deus”.¹¹ Para Reimer, a exegese de Lutero é contextual, pois contempla o cotidiano e as realidades de poder e riqueza; e de opressão e miséria, lendo-os e avaliando-os a partir da relação com outros textos da Escritura.

Quando lemos como Lutero descreve a experiência do cotidiano de Maria, podemos relacioná-la a qualquer menina pobre de tempo de Jesus, de Lutero e de hoje! Maria na

⁶ *Ibid.*, p. 31.

⁷ Cf. LUTERO, M. *Magnificat*.

⁸ *Ibid.*, p. 37.

⁹ MALCOLM, L. *Experiencing the Spirit*, p. 73 (tradução de Márcia Blasi).

¹⁰ REIMER, Ivoni Richter. O magnificat de Maria no magnificat de Lutero, p. 56.

¹¹ *Ibid.*, p. 51; cf. LUTERO, M. *Magnificat*, p. 13; 15 (grifo nosso).

interpretação de Lutero, comportou-se como antes de receber o convite de Deus por meio do anjo e, também pelo que se no texto, não queria mais honras.

Não se vangloria, não se gaba de que se tornou mãe de Deus, não exige honra. Mas vai e trabalha na casa como antes, ordenhava as vacas, cozinha, lava a louça, varre e ocupa-se como uma empregada ou uma dona de casa deve ocupar-se com trabalhos pequenos e insignificantes, como se não se importasse com esses dons e graças extraordinárias.¹²

É sobre descrições como essas que luteranas exegetas de hoje, que são teólogas e também estudiosas de outras áreas do conhecimento, buscam visibilizar experiências que, em boa medida, foram consideradas marginais. Aquilo que a Teologia Sistemática muitas vezes considerou insignificante provoca em nós, hoje, a possibilidade do espanto gerador de outras possibilidades hermenêuticas com base nas experiências da vida cotidiana produzida por mulheres. E quando olhamos para lugares antes não vistos, porém que sempre estiveram aí, podemos partilhar outros modos de se ouvir histórias e produzir conhecimentos teológicos. É o que também aponta Marcia Blasi¹³ quando afirma que uma das chaves de leitura e compreensão do *Magnificat de Lutero*, é que não basta crer que Deus faz grandes coisas. É preciso crer que Deus as faz também *com* a gente. É possível então, que os argumentos que emprestamos dessas teólogas e pastoras luteranas sobre releituras de experiências do cotidiano, possam nos fazer meditar sobre um Deus que realiza grandes coisas *com* a gente. E que por meio desse modo de reler as experiências, construímos outras chaves hermenêuticas para vislumbrarmos Maria como uma mulher decidida a aceitar a missão de um Deus gracioso. Maria foi uma mulher que convidou para o serviço, para a caminhada em direção ao encontro das irmãs¹⁴ quando, por exemplo, ela decide se encontrar com sua prima Isabel, grávida de João Batista. Esse relato de encontro é

[...] de duas mulheres com os ventres carregados de novidade. Muita ênfase nas interpretações tem sido dada às crianças no ventre e às suas reações, e pouco ou nenhuma atenção é dada ao encontro das mulheres. Na verdade, é no encontro que elas se reconhecem como pessoas que fazem história. É ali, no abraço, que o empoderamento delas acontece.¹⁵

Para Blasi, Maria se apresentou confiante em si mesma e não demonstrou vergonha. Em todos os textos sagrados assim como no comentário de Lutero sobre o *Magnificat*, Maria nos é apresentada como uma mulher forte e decida. Que optou em aceitar o convite de Deus! Não nos foi descrita uma mulher tímida, medrosa e, como lembra Blasi, Maria foi apresentada como “uma jovem mulher confiante em si mesma e em Deus, sem vergonha de sua humildade e de sua tarefa”.¹⁶ Concordo com Blasi quando afirma que:

[...] a grande afeição e respeito do Reformador para com Maria, a mãe de Jesus. Diferente das imagens tão comumente difundidas e defendidas pelas teologias patriarcais, Maria esteve longe de ser uma moça dependente, sem vontade nem opinião próprias, indefesa. Pelo contrário, o evangelista Lucas a descreve como uma jovem mulher de coragem. Mulher que não demonstrou vergonha, Maria viveu as mais profundas consequências de

¹² LUTERO, M. *Magnificat*, p. 46.

¹³ BLASI, M. *Por uma vida sem vergonha, vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres, a partir da Teologia Feminista*.

¹⁴ VELASCO, C. N. Maria e Isabel.

¹⁵ BLASI, M. *Por uma vida sem vergonha, vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres, a partir da Teologia Feminista*, p. 88.

¹⁶ *Ibid.*, p. 97.

sua vulnerabilidade para aceitar a si própria com orgulho e confiança e aceitar o convite que o anjo lhe fizera e a tarefa que Deus lhe confiara – gestar o próprio Deus feito criança. Não foi pouco o que Deus estava dizendo por meio dessa mulher, naquele mundo patriarcal!¹⁷

Recontaremos para nós todas e todos, sobre a Maria criativa que diz “eu sou” porque fui contemplada, percebida na minha insignificância e, por isso escolhida por nada ser: “sou o que sou”! Terei orgulho de nada ser, para ser instrumento a serviço.

E nessa mesma direção, poderemos também ousar como a artista mexicana Yolanda López, que produz obras da Virgem Guadalupe com o olhar decidido e vigoroso. Para frente, decida a caminhar de outro modo com seu povo.



Fonte: <http://mati.eas.asu.edu:8421/ChicanArte/html_pages/lopez11.lgr.html>

3 Concluir na perspectiva da esperança

Concluo retomando a frase de Wollstonecraft, que, ao incidir sobre a capacidade que as mulheres têm de encorajar-se e dizer a si mesmas, “eu sou, eu, por mim mesma, não para mandar nos homens, mas para responsabilizar-me e governar a mim mesma!”, revela a implicação de reler a história de maneiras diversas. Ou seja, um texto como o texto bíblico da oração de Maria, pode ser lido a partir da herança das experiências das mulheres. À medida que mais e outras mulheres autorizarem-se a escrever e a falar sobre suas experiências, herdaremos outros modos de fazer teologia.

¹⁷ *Ibid.*, p. 98.

Referências

- BLASI, Márcia. *Por uma vida sem vergonha, vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres, a partir da Teologia Feminista*. Tese de Doutorado em Teologia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.
- DREHER, Martin. *Lutero e a Dieta de Worms de 1521*: Reflexões em torno de Lutero. Vol 2. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/lutero-e-a-dieta-de-worms-de-1521>>.
- DREHER, Martin N. Fundamentação da Ética Política. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996.
- DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- LÓPEZ Yolanda M. *Guadalupe*: Victoria F. Franco, from the Guadalupe series. Oil pastel on rag paper, 22 x 30 inches. 1978.
- LÓPEZ Yolanda. *Retrato do artista como a Virgem de Guadalupe*. Disponível em: <http://mati.eas.asu.edu:8421/ChicanArte/html_pages/lopez11.lgr.html>
- LUTERO, Martin. *Magnificat*: O louvor de Maria. Aparecida: Santuário; São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- MALCOLM, Lois. Experiencing the Spirit: the magnificat, Luther, and feminists. In: STREUFERT, Mary J. (Org.). *Transformative Lutheran Theologies: Feminist, Womanist, and Mujerista Perspectives*. Minneapolis: Fortress, 2010.
- REIMER, Ivoni Richter. O magnificat de Maria no magnificat de Lutero. *Estudos de Religião*, vol. 30, n. 2, pp. 41-69, mai./ago. 2016.
- VELASCO, Carmiña Navia. Maria e Isabel: diálogo entre mulheres. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 46, v. 3, p. 9-17, 2003.
- WESTHELLE, Vítor. *Entrevista - Dr. Vítor Westhelle*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ihWvpWtC-0Y>>
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Primeira publicação em 1792. São Paulo: Boitempo, 2016.